21 a 22 agosto 2025
CAMPINAS
VALENCIA
19 a 20 junho 2025
XVII SIIU
Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo
DOI: 10.5821/siiu.14207

A EXPERIÊNCIA DO LUGAR

Corpos e sentidos em São Lourenço-MG

CUNHA, Vitor Maciel de Britto[1]
AZEVEDO, Giselle Nielsen Arteiro [2]

Abstract
This article aims to understand the concept of place through the articulation between interdisciplinary theoretical references and lived experiences in the territory of São Lourenço-MG, considering place as a relational, sensitive, and embodied phenomenon. The research is grounded in humanistic geography, particularly in Tuan's (1983) distinction between space and place through experience; Bailly's (1979) understanding of place as a result of physical, symbolic, and subjective interactions; and Merleau-Ponty's (1999) phenomenology, which sees space as lived by the body in its relationship with the world. The methodology adopted was Post-Occupancy Evaluation (POE) with a qualitative emphasis, combined with field observations, semi-structured interviews, and ethnographic sketches conducted with residents, tourists, and passersby in the city center, systematized in what was called a "mosaic of perceptions". The collected data allowed for the identification of affective bonds with public spaces and highlighted the importance of everyday practices in shaping the meaning of place. The results indicate that the urban environment goes beyond its functional dimension, revealing itself as a field for the production of memories, affections, and a sense of belonging. It is concluded that acknowledging these sensitive and subjective layers is essential to rethinking urban planning in a more inclusive and humanized way.

Keywords: *Place, Embodied observation, Space, Post-Occupancy Evaluation (POE), São Lourenço-MG.*

Resumo
Este artigo tem como objetivo compreender o conceito de lugar a partir da articulação entre referências teóricas interdisciplinares e experiências vividas no território de São Lourenço-MG, considerando o lugar como um fenômeno relacional, sensível e corporificado. A pesquisa parte das contribuições da geografia humanista, em que Tuan (1983) diferencia espaço e lugar a partir da experiência; de Bailly (1979), que compreende o lugar como resultado de interações físicas, simbólicas e subjetivas; e da fenomenologia de Merleau-Ponty (1999), que entende o espaço como vivido pelo corpo em sua relação com o mundo. A metodologia adotada foi a Avaliação Pós-Ocupação (APO), com ênfase qualitativa, aliada a observações de campo, entrevistas semiestruturadas, croquis etnográficos realizadas com moradores, turistas e transeuntes no centro da cidade, sistematizados no que foi denominado: "mosaico de percepções". Os dados coletados permitiram identificar vínculos afetivos com os espaços públicos e destacar a importância das práticas cotidianas na construção do sentido de lugar. Os resultados indicam que o ambiente urbano ultrapassa sua dimensão funcional, revelando-se como campo de produção de

[1] Mestre pelo do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Pesquisador do Grupo Ambiente Educação (GAE), Rio de Janeiro, Brasil, https://orcid.org/0000-0002-7339-1407 e vitor.maciel@fau.ufrj.br.

[2] Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Coordenadora do Grupo Ambiente Educação (GAE), Rio de Janeiro, Brasil, https://orcid.org/0000-0001-6707-466X e gisellearteiro@fau.ufrj.br.

memórias, afetos e pertencimento. Conclui-se que o reconhecimento dessas camadas sensíveis e subjetivas é fundamental para repensar o planejamento urbano de forma mais inclusiva e humanizada.

Palavras-chave: *Lugar, Observação incorporada, Espaço, Avaliação Pós-Ocupação, São Lourenço-MG.*

Área temática: *Paisagem.*
Subárea temática: *Fenomenologia do lugar, paisagem, memória, identidade e coesão social.*

1. Introdução

A noção de lugar tem ocupado um papel central nas discussões contemporâneas sobre o espaço urbano, especialmente quando se considera a experiência vivida e os laços afetivos que se estabelecem entre os indivíduos e o ambiente. Para a geografia humanista, conforme proposto por Yi-Fu Tuan (1983), o lugar é compreendido como um espaço dotado de significado, construído a partir das experiências sensoriais, afetivas e simbólicas das pessoas. O autor aponta que "o espaço permite o movimento, ao passo que o lugar é pausa", indicando que o lugar emerge da relação íntima com o cotidiano, com o tempo e presença a partir da experiência vivida.

Nesse sentido, a experiência do lugar não se limita a uma dimensão abstrata, mas envolve percepções situadas do corpo no tempo e no espaço. A fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty (1999 [1945]) contribui decisivamente para essa abordagem, ao considerar o corpo como o meio fundamental de acesso ao mundo. O espaço não é um dado exterior, mas é constituído pela presença sensível do sujeito, implicando uma unidade entre percepção e ação. O "ser-no-mundo" é, assim, uma experiência espacial incorporada, que atravessa os lugares e é, ao mesmo tempo, atravessada por eles.

Complementarmente, Antoine Bailly (1979) destaca o sentido de lugar como um campo simbólico e psicológico, no qual o território é atravessado por significados produzidos social e culturalmente. O autor sugere que a cidade é mais do que uma realidade física: ela se constrói como imagem, como sentimento e como lugar de identificação ou exclusão. Os territórios familiares, os bairros e os espaços cotidianos constituem camadas dessa experiência, mediadas por fatores históricos, econômicos e sociais.

Autores da psicologia ambiental, como David Canter (1997), aprofundam essa compreensão ao propor que o sentido de lugar surge da intersecção entre as atividades realizadas, os atributos físicos do ambiente e os significados atribuídos pelos sujeitos. Já Milton Santos (2003), ao tratar o espaço como um "conjunto indissociável de sistemas de objetos e de ações", contribui com uma visão que articula a materialidade urbana com as práticas sociais.

Diante dessas múltiplas abordagens, compreende-se que o lugar não pode ser reduzido à sua materialidade ou função. Ele se configura como uma construção relacional, atravessada por memórias, identidades, afetos e práticas. Nesse sentido, tanto a prática quanto a ciência no campo da arquitetura e do urbanismo devem se abrir à escuta de outras formas de saber e às experiências que emergem dos territórios vividos. Como propõe Stengers (2023), não se trata apenas de promover iniciativas interdisciplinares que respeitem fronteiras disciplinares já estabelecidas, mas de aceitar o experimento do encontro – com outras vozes, outras experiências e outras racionalidades – a partir de situações concretas que exigem atenção e resposta.

O presente artigo parte desse entendimento ampliado para explorar a constituição de lugares de afeto e pertencimento na cidade de São Lourenço, cidade localizada na região sul de Minas Gerais. A investigação se estrutura a partir de entrevistas semiestruturadas[3] e observação incorporada[4],

[3] Essa abordagem é tradicionalmente usada pelos membros dos Grupos: Lugares e Paisagens (ProLUGAR) e Ambiente-Educação (GAE). Algumas vezes pode ser necessário ou conveniente prever uma entrevista semiestruturada, onde os entrevistadores podem preparar apenas um roteiro ou esquema básico, ou ainda um mesmo conjunto de perguntas que não são necessariamente aplicadas em uma mesma ordem sequencial. Segundo Merton, Fiske e Kendall (apud Selltiz *et al.*, 1987) elas podem ser do tipo focalizada ou clínica. Em alguns casos até mesmo a forma como as questões são apresentadas varia, como por exemplo, alterando a estrutura da sentença da pergunta (Rheingantz *et al.*, 2009, p. 72).

[4] A observação incorporada, procura lidar com os aspectos subjetivos das observações, ao incorporar as emoções e reações dos lugares, entendidos como "coletivos" (Latour 2001) que são configurados pela mistura de homens, ambiente construído e

buscando evidenciar, por meio de experiências situadas no centro da cidade, as diferentes formas de relação com o território. A proposta é compreender como os sujeitos constroem e entrelaçam seus vínculos com os espaços urbanos, revelando camadas sensíveis que contribuem para a leitura de São Lourenço como um território múltiplo, vivido e significativo. No contexto desta pesquisa, pensar o lugar a partir das experiências corporificadas e afetivas é também um gesto de insurgência metodológica e epistêmica, que visa a construção de outros paradigmas possíveis, mais atentos às exigências do vivido e aos modos plurais de habitar o mundo.

Concluímos esta introdução apontando que, ao longo do artigo, propomos uma leitura de São Lourenço como um Lugar – grafado com “L” maiúsculo para evidenciar a relevância conceitual que o termo assume nesta investigação. Trata-se de compreender o Lugar como uma construção geográfica e experiencial, atravessada por dimensões subjetivas e inventivas, mas também por aspectos concretos, práticos e materiais. A delimitação teórica que adotamos será aprofundada a seguir, quando apresentaremos os objetivos e fundamentos deste trabalho.

2. Objetivos

O objetivo principal deste artigo é compreender o conceito de lugar a partir da articulação entre referências teóricas interdisciplinares e experiências vividas no território de São Lourenço-MG, considerando as múltiplas relações espaço-temporais que emergem da vivência cotidiana. A proposta visa entender de que modo os vínculos afetivos, as memórias e as práticas diárias contribuem para a formação de lugares significativos, revelando a complexidade do tecido urbano sob a ótica dos sujeitos que o habitam.

Para alcançar esse propósito, foram definidos três objetivos específicos que orientam o percurso metodológico da pesquisa. O primeiro consiste em compreender as formas de apreensão e representação do espaço urbano a partir das vivências cotidianas. Por meio da observação incorporada, busca-se captar as nuances sensíveis da experiência urbana, considerando o corpo como mediador da relação com o ambiente – tanto o corpo do pesquisador, que se insere no território e nele se desloca, quanto o corpo dos moradores de São Lourenço, cujas percepções e afetos emergem nas entrevistas e nas narrativas compartilhadas.

O segundo objetivo é mapear as diferentes manifestações urbanas por meio do diálogo e da escuta com moradores da cidade. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, conduzidas por meio de um roteiro aberto e flexível, que permitiu que a conversa se desenvolvesse conforme a interação com o ambiente e as pessoas entrevistadas. As perguntas buscaram explorar, entre outros aspectos: a localidade em que os moradores vivem ou viveram; as áreas da cidade por onde costumam circular; os sentidos atribuídos a São Lourenço; imagens ou palavras que possam definir a cidade; a possibilidade de apreensão do cotidiano por meio dos lugares frequentados; lembranças boas ou ruins relacionadas ao território; O intuito foi acolher percepções e afetos que muitas vezes permanecem silenciados, possibilitando uma leitura mais profunda e subjetiva dos espaços urbanos.

Por fim, o terceiro objetivo é sintetizar essas experiências vividas por meio de registros cartográficos e visuais, como desenhos e esquemas interpretativos, que evidenciem a multiplicidade de olhares sobre a cidade de São Lourenço. Tais registros buscam dar forma às paisagens subjetivas e aos territórios de afeto, contribuindo para uma leitura sensível, plural e situada da experiência urbana cotidiana.

3. Desenvolvimento

Nesta etapa, serão apresentados a cidade de São Lourenço e os protagonistas da pesquisa. A primeira etapa do desenvolvimento deste artigo dedica-se a apresentar a cidade de São Lourenço a partir de sua origem e consolidação como destino turístico, destacando as transformações espaciais que contribuíram para sua configuração atual. Essa contextualização visa compreender os sentidos atribuídos à cidade em sua dimensão institucional e simbólica.

Em um segundo momento, o foco se volta para as percepções dos sujeitos que vivenciam cotidianamente esse território. Através de narrativas, observações e registros sensíveis, busca-se

técnicas, cujo movimento “apaga” as fronteiras entre sujeito e objeto (Pedro 1996) – Trecho retirado do Livro Observando a Qualidade do Lugar (2009).

revelar como diferentes moradores constroem significados sobre a cidade, permitindo o entrelaçamento entre a imagem oficial e os olhares plurais que emergem da experiência vivida.

3.1. São Lourenço como um Lugar geográfico

O município de São Lourenço é reconhecido por sua relevância nas atividades turísticas e comerciais. Apesar de sua natureza como uma cidade de pequeno porte, com uma população estimada de 44.780 habitantes em 2022 (IBGE, s.d.), São Lourenço desempenha um papel relevante a região. Podemos ver alguns dados de São Lourenço nas imagens abaixo:

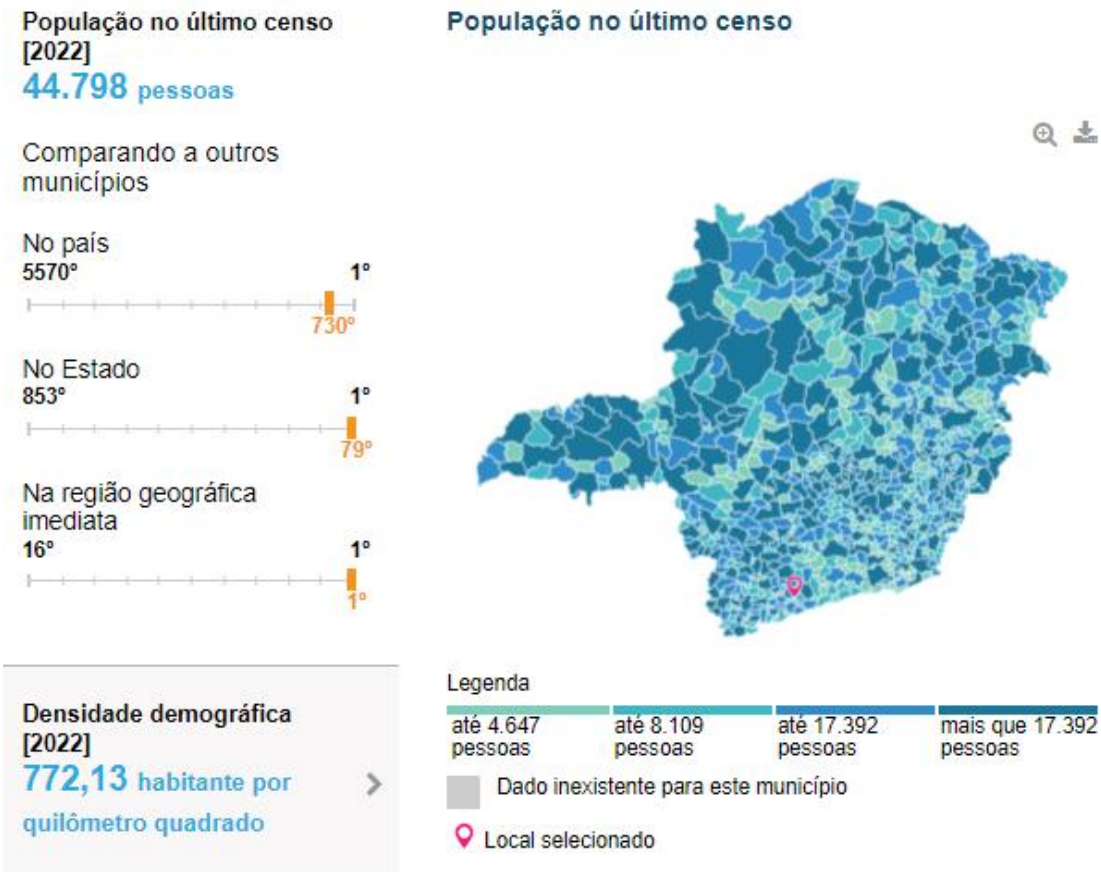

Fig. 1 *População estimada de São Lourenço no Censo de 2022 IBGE*. Fonte: IBGE (s.d.)

A cidade está posicionada na região sul do estado de Minas Gerais, fazendo parte, junto com outros 13 municípios, do intitulado “circuito das águas” do estado de Minas Gerais. O Circuito das Águas[5] de Minas Gerais é uma Instância de Governança Regional do Turismo cujo objetivo é ordenar o turismo na região, utilizando-se de uma rede de parceiros na organização e na promoção da atividade turística regional, de forma sustentável, através da integração contínua dos municípios para consolidar uma identidade regional.

O distrito de São Lourenço[6] teve sua fundação em 1891, sob a subordinação à Vila de Cristina. Posteriormente, em 1901, passou a ser subordinado a Silvestre Ferraz, que atualmente corresponde à cidade vizinha de Carmo de Minas, situada no sentido sudoeste do município de São Lourenço, Em um marco histórico importante, no ano de 1923, o distrito passou a ser subordinado a Pouso Alto, e

[5] Disponível em: https://circuitodasaguasmg.com.br/

[6] De acordo com Decreto Estadual n.º 7.562, de 01-04-1927 e confirmado pela Lei Estadual n.º 987, de 20-09-1927 o antigo distrito de Pouso Alto (município vizinho) foi elevado a condição de município com a denominação de São Lourenço.

DOI: 10.5821/siiu.14207

finalmente, em 1º de abril de 1927, São Lourenço foi emancipado de Pouso Alto, tornando-se um município independente.

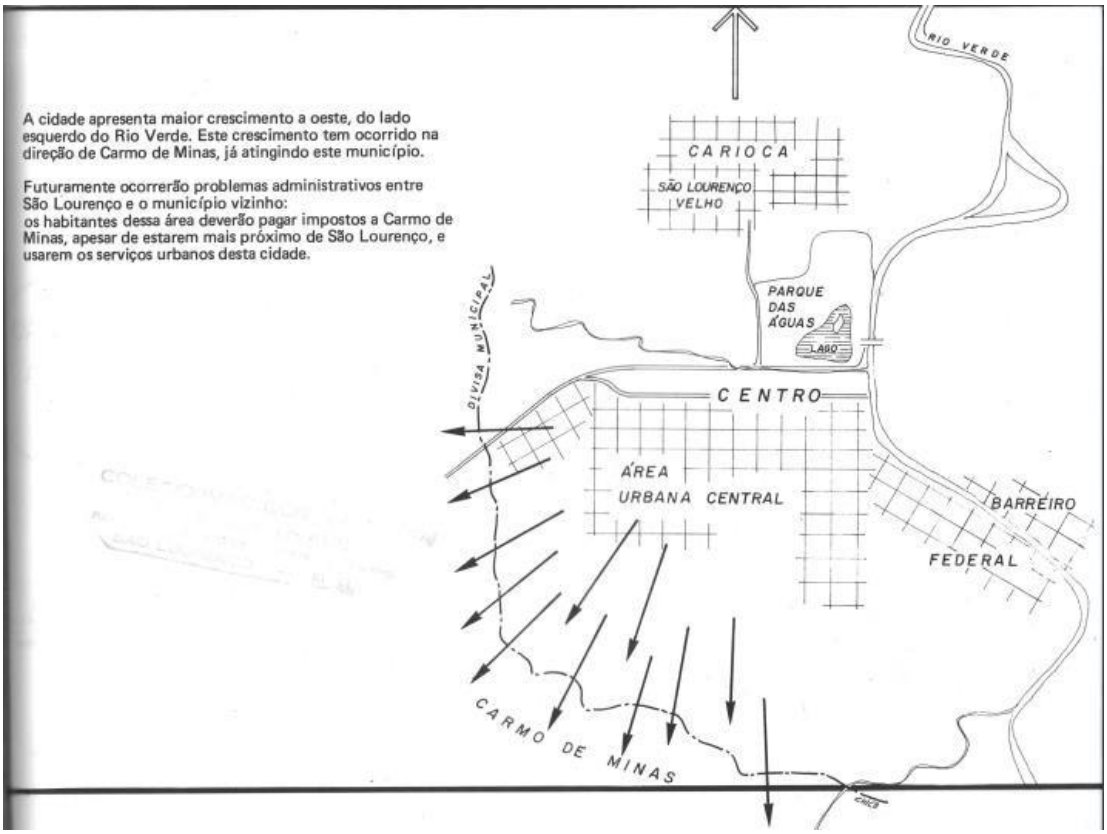

Fig. 2 *Expansão Urbana de São Lourenço-MG*. Fonte: Fundação João Pinheiro (1983)

A imagem acima retirada do documento: "Como entender, proteger e viver a cidade: São Lourenço"[7], elaborado em 1984 pela Fundação João Pinheiro, demonstra como é possível compreender parte do processo de estruturação urbana do município. Entre os pontos abordados, no documento, destacava-se a preocupação com a expansão urbana e o crescimento desordenado na divisa com Carmo de Minas. Atualmente, São Lourenço conta com 27 bairros e continua em processo de expansão, o que acarreta impactos na infraestrutura, na paisagem e na vida cotidiana dos moradores.

As tensões entre diferentes interesses – como os embates sobre a pavimentação do centro e os projetos de requalificação do calçadão – revelam a disputa entre uma imagem institucional da cidade e os modos de vida dos que a habitam. (fig. 3) Essa breve leitura crítica das transformações espaciais permite reconhecer a necessidade de outras abordagens para o planejamento da cidade, que considerem as dinâmicas sociais, os vínculos afetivos e as experiências cotidianas. Nesse sentido, compreender São Lourenço exige ir além das propostas técnicas, reconhecendo o território como um lugar múltiplo, resultado de diferentes vozes, vivências e disputas.

[7] Produzido em 1984 pela Fundação João Pinheiro. Esse documento, parte de um conjunto de 3 volumes, definiu diretrizes cruciais para o desenvolvimento da estrutura urbana de São Lourenço, influenciando a formulação das leis de uso do solo, código de obras e código de posturas municipais. A Fundação João Pinheiro é uma instituição de destaque no campo da pesquisa e ensino, ligada à Secretaria de Estado e Planejamento e Gestão de Minas Gerais.



Fig. 3 *Reivindicações e diferentes interesses em São Lourenço-MG*. Fonte: Portal G1 e São Lourenço sustentável (2023)

3.2. São Lourenço como um Lugar de experiências

Com base na articulação entre os fundamentos teóricos apresentados na introdução deste artigo e a constituição histórica e geográfica de São Lourenço, é possível aprofundar a compreensão da cidade como um lugar vivido e em constante disputa de significados. A análise da estrutura urbana, das transformações territoriais e das tensões entre projetos institucionais e práticas cotidianas revela um campo fértil para escutar as narrativas daqueles que experienciam o espaço no dia a dia.

O território, mais do que um suporte físico, constitui-se como campo simbólico e sensível, onde se entrelaçam memórias, afetos e práticas sociais. Conforme apontam Yi-Fu Tuan (1983) e Maurice Merleau-Ponty (1999 [1945]), é pela experiência encarnada e pela vivência do cotidiano que o lugar adquire sentido. Nesse contexto, a amostragem a seguir busca evidenciar as múltiplas formas de apreensão do lugar a partir das vozes dos moradores, revelando camadas subjetivas que escapam às lógicas exclusivamente técnicas do planejamento urbano.

Com base nesse entendimento ampliado de lugar, as entrevistas realizadas – denominadas conversas corriqueiras – foram conduzidas por meio de um roteiro flexível, permitindo a escuta atenta das experiências afetivas, simbólicas e corporificadas dos moradores com o território. A pesquisa combinou esse formato com o método cartográfico[8], articulando o relato verbal aos registros visuais e espaciais, como mapas afetivos e desenhos interpretativos.

É importante ressaltar que as conversas realizadas ao longo da pesquisa foram conduzidas com base em um protocolo ético aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, conforme exigido pelas diretrizes nacionais. Todas as pessoas participantes foram previamente informadas sobre os objetivos do estudo, tendo assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Essa formalização permitiu, entre outras coisas, a utilização dos nomes verdadeiros dos interlocutores, respeitando seu direito de escolha e reconhecimento enquanto sujeitos ativos na produção do conhecimento.

As perguntas disparadoras abrangeram aspectos como o tempo de moradia, os bairros frequentados, os sentidos atribuídos à cidade, os lugares preferidos e as aspirações de mudança, revelando dinâmicas urbanas que atravessam o cotidiano. A seguir, são apresentados os fragmentos dessas narrativas e os registros visuais que emergiram desse processo, compondo um mosaico de percepções que evidenciam São Lourenço como um território vivido, múltiplo e em constante reinvenção.

Ressalta-se que tais relatos compõem um conjunto maior de entrevistas realizadas ao longo do trabalho de campo, mas que, por critérios de concisão e representatividade, apenas algumas serão aqui demonstradas de forma mais aprofundada. No total, foram realizadas 17 conversas com pessoas entre 18 e 70 anos, conduzidas de maneira livre, permitindo que o conteúdo variasse conforme as

8 A cartografia é um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção. De saída, a ideia de desenvolver o método cartográfico para utilização em pesquisas de campo no estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas. Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim. A cartografia é sempre um método ad hoc. Todavia, sua construção caso a caso não impede que se procurem estabelecer algumas pistas que têm em vista descrever, discutir e, sobretudo, coletivizar a experiência do cartógrafo (Kastrup, 2009, p. 32).

experiências e percepções de cada participante. As entrevistas seguiram uma estrutura flexível, guiadas por perguntas disparadoras, como mencionado acima, tais como: “Quais os lugares você mais gosta de estar?” e “O que a cidade de São Lourenço representa para você?”, entre outras.

Cabe destacar, ainda, que as vozes trazidas neste recorte não esgotam a pluralidade de experiências existentes na cidade: elas representam, de forma situada e sensível, parte de um tecido social mais amplo – que inclui também moradores cujas histórias não foram diretamente captadas pela pesquisa, mas que, de certo modo, se corporificam nas narrativas apresentadas. Assim, este conjunto não deve ser compreendido como um inventário definitivo, mas como uma amostra significativa de relações afetivas e simbólicas que constituem o lugar vivido e partilhado.

A primeira entrevista realizada ocorreu em um dia ensolarado, nas proximidades do monumento do Triângulo Mineiro, localizado no Calçadão 2. O entrevistado surgiu com uma câmera em mãos, gravando vídeos e demonstrando grande entusiasmo e alegria por estar na cidade. Essa era sua segunda passagem por São Lourenço – a primeira havia sido em 2019, quando esteve de passagem a caminho de Trindade, em Goiás. Natural de Canápolis, município mineiro situado próximo à divisa com o estado goiano, o entrevistado se identifica como cicloativista e turista, e estava em São Lourenço com o objetivo de registrar pontos de interesse urbano e cultural (fig.4).

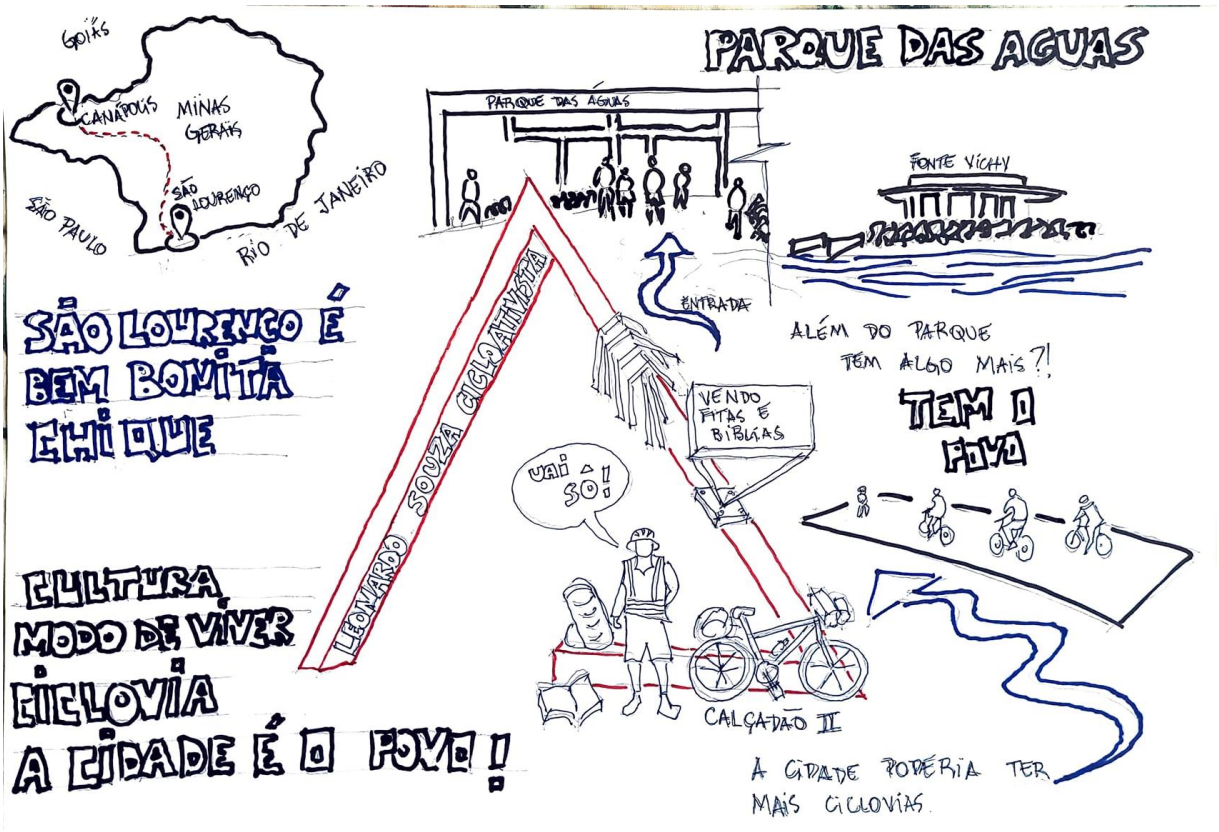

Fig. 4 *Cartografia Leonardo Souza*. Fonte: Desenho do autor (2024)

Durante a conversa, utilizava expressões típicas do dialeto mineiro, como “uai sô”, e mencionava locais turísticos de referência, como o Parque das Águas, que guardava como memória marcante da cidade. Manifestou ainda o desejo de conhecer outros espaços indicados por moradores locais, valorizando o encontro e a escuta como formas de guiar sua experiência. Para custear suas viagens, relatou vender terços, bíblias e outros itens religiosos, compondo, assim, uma trajetória singular de deslocamento, devoção e descoberta.

Por se tratar da primeira conversa realizada, a escuta com Leonardo revelou-se especialmente significativa, tanto pela abertura com que compartilhou suas percepções quanto pela sensibilidade com que abordou diferentes temas. Sua fala ultrapassou os limites de uma conversa casual, tocando em pontos fundamentais que sustentam esta pesquisa. Ao narrar sua experiência como cicloativista e viajante, Leonardo apresentou uma leitura ampla e humanizada da cidade, valorizando o cotidiano e a

vida das pessoas como elementos centrais para a construção de um espaço urbano mais justo e acolhedor.

De forma espontânea, ele refletiu sobre a importância da humanização das cidades, afirmando que a cidade, em sua essência, é feita pelas pessoas, e não apenas por sua infraestrutura. Segundo ele, para que uma cidade seja boa, é necessário investir na qualidade de vida da população, promovendo acessibilidade, mobilidade adequada, organização urbana, limpeza, projetos coletivos, esporte e cultura.

Ressaltou ainda que a felicidade e o bem-estar dos moradores são indicadores legítimos da qualidade de uma cidade, propondo uma inversão de lógica em relação a planejamentos que priorizam estatísticas e teorias descoladas da realidade vivida. Leonardo enfatizou a importância de se ouvir o que a população deseja e pensa, questionando se os projetos idealizados por gestores e técnicos realmente dialogam com os anseios cotidianos das pessoas. Para ele, uma cidade boa vai além da oferta de trabalho: ela se constrói com base em vínculos afetivos e na geração de qualidade de vida. Abaixo podemos observar a segunda entrevista selecionada para esse artigo.

A segunda entrevista selecionada foi de Sebastião da Silva Padroeiro, que nasceu em Maria da Fé (MG) e reside em São Lourenço desde os três anos de idade, construindo ao longo de seis décadas uma trajetória profundamente enraizada no cotidiano da cidade. Morador do bairro Vila Nova – que descreve como um lugar tranquilo, habitado por “gente boa” –, trabalha atualmente na região da Estação vendendo caldo de cana, atividade que exerce há mais de vinte anos. A entrevista, realizada em clima de descontração e acompanhada por um copo do próprio caldo, revelou um interlocutor acolhedor e disposto a compartilhar vivências atravessadas por afetos e memórias. (fig. 5)



Fig. 5 *Cartografia Sr. Sebastião*. Fonte: Desenho do autor (2024)

Sua fala evidencia vínculos sensíveis com o território, referindo-se a São Lourenço como “uma terra de bons amigos” e um “paraíso” para se viver, percepção que diz ser compartilhada por muitos dos visitantes com quem conversa no dia a dia. Ao rememorar a trajetória de seu pai, que trabalhou como arrumador em hotéis locais, bem como o período em que ele próprio puxava um carrinho para transportar materiais de construção, Sebastião compõe uma narrativa que entrelaça a história familiar à história urbana da cidade. Ao mesmo tempo em que valoriza a qualidade de vida e a convivência comunitária, aponta a escassez de oportunidades de trabalho como um dos principais desafios

enfrentados pelos moradores, indicando a necessidade de que o potencial turístico do município se converta, de fato, em desenvolvimento e bem-estar social.

Ao relatar episódios de dificuldade e o apoio recebido de amigos ao longo dos anos, o entrevistado ressalta o papel das redes de solidariedade no tecido urbano, destacando que é nas relações cotidianas que a cidade se torna significativa. Suas lembranças, entrelaçadas ao espaço público, revelam uma vivência que ultrapassa a dimensão física da cidade, afirmando a importância dos laços afetivos e da experiência vivida na constituição dos lugares.

4. Conclusão

A partir das abordagens teóricas interdisciplinares e das experiências situadas em São Lourenço-MG, este artigo buscou compreender como o conceito de lugar se manifesta na vivência cotidiana dos sujeitos, revelando camadas sensíveis, simbólicas e afetivas que atravessam a constituição do espaço urbano. A investigação evidenciou que o lugar não se reduz à sua materialidade, mas se constitui como uma construção relacional, constantemente atualizada pelas práticas, memórias e sentidos atribuídos pelos moradores.

Ao enfatizar a centralidade da experiência vivida na constituição dos lugares, este estudo também aponta para a necessidade de metodologias que considerem a escuta sensível e a presença como formas legítimas de produção de conhecimento. A cartografia afetiva, articulada à observação incorporada e às entrevistas, revelou-se não apenas como técnica de registro, mas como prática de aproximação e reconhecimento do outro. Em um momento em que muitas cidades se veem reduzidas a mercadorias ou cenários genéricos, torna-se urgente reafirmar os modos de habitar que resistem, criam e recriam vínculos com o espaço. A valorização desses saberes cotidianos permite repensar as formas de projetar, gerir e experienciar o urbano, em direção a uma cidade mais plural, justa e sensível às realidades que a compõem.

As entrevistas e registros cartográficos permitiram dar visibilidade a narrativas que frequentemente permanecem à margem dos discursos institucionais sobre a cidade. Ao privilegiar a escuta e a presença no território, a pesquisa revelou São Lourenço como um espaço vivido, múltiplo e em disputa – no qual o cotidiano se inscreve como elemento central na produção de significados. As vozes de Leonardo e Sebastião, entre outras, trouxeram à tona uma cidade que vai além de sua imagem turística, evidenciando tensões, desejos e afetos que atravessam os modos de habitar e pertencer.

Assim, este trabalho reforça a importância de incorporar dimensões sensíveis, subjetivas e corporificadas ao pensar urbano, ampliando as possibilidades de leitura e intervenção sobre o território. Ao reconhecer os lugares como expressões das relações entre pessoas e ambiente, abre-se espaço para um planejamento mais inclusivo, atento às experiências locais e à complexidade da vida urbana. Nesse sentido, a cidade de São Lourenço se apresenta não apenas como objeto de análise, mas como território de encontros, disputas e reinvenções constantes – um lugar em que o cotidiano se transforma em experiência significativa.

5. Referências

BAILLY, A. (1979). *La perception del espacio urbano*. [eBook, p. 107-125]. Madrid.

BARROS, L. P., & KASTRUP, V. (2015). Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade,* (52-75). Porto Alegre: Sulina.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (FJP). (1983). *São Lourenço: Como entender, proteger e viver a cidade* [Acervo geral]. Belo Horizonte.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). (s.d.). *Panorama Cidades@*. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-lourenco/panorama. (Acesso: 15/01/2021).

KASTRUP, V. (2015). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E., KASTRUP, V., & ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (p. 32-51). Porto Alegre: Sulina.

MERLEAU-PONTY, M. (1999). *Fenomenologia da Percepção*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

RHEINGANTZ, P., AZEVEDO, G., BRASILEIRO, A., ALCANTARA, D., & QUEIROZ, M. (2009). *Observando a qualidade do lugar: Procedimentos para avaliação pós-ocupação*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-Graduação em Arquitetura, 2009.

SÃO LOURENÇO – MG. (1970). *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/113/col_mono_n468_saolourenco_2ed.pdf. (Acesso: 12/06/ 2022).

STENGERS, I. (2023). *Uma outra ciência é possível: Manifesto por uma desaceleração das ciências* (Silva, F. S., Trad.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

TUAN, Y.-F. (1983). *Espaço e lugar: A perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel.

TUAN, Y.-F. (1990). *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difusão Editorial.